Almanaques de farmácia no Brasil: discursos sobre corpo e saúde

Pharmacy almanacs in Brazil: discourses about body and health

Beatriz Caldas[1]

Angela Baalbaki[2]

RESUMO: O artigo dedica-se ao estudo do funcionamento discursivo de almanaques de farmácia editados na década de 1940. O período é marcado pelo início da industrialização, no Brasil, da variados produtos, entre eles os remédios. Os referidos almanaques além de divulgarem os produtos farmacêuticos dos laboratórios, veiculam ideais de saúde, felicidade, força e beleza atrelados aos fármacos. O interesse em analisar esse material partiu uma questão: como o corpo do homem, da mulher e da criança são discursivizados nos almanaques? A partir da fundamentação teórica da Análise do Discurso, este trabalho pretende averiguar como certa visão de ciência útil, de forte orientação positivista, circula nos almanaques novecentistas e constrói certa imagem discursiva de corpo (do homem, da mulher e da criança). Também se busca identificar as relações entre a divulgação dos fármacos com uma formação ideológica nacionalista que apregoava o progresso da nação.

Palavras-chave: Almanaques. Saúde. Fármacos. Corpo.

Introdução

Nosso trabalho começa com um levantamento de condições históricas em que se produziram os elementos que constituem nossa investigação: os almanaques, o corpo e sua materialidade discursiva, e também os conceitos a mobilizar dentro da Análise do Discurso, tal como concebida pelo filósofo francês Michel Pêcheux e outros.

O primeiro desses enfoques é a textualidade conhecida como almanaque, suas possíveis origens históricas e seu papel social entre as comunidades que o produzem e leem.

[1] Doutora em Letras pela Universidade Federal Fluminense. Professora Adjunta da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Email: beatrizcaldas@terra.com.br

[2] Doutora em Letras pela Universidade Federal Fluminense. Professora Adjunta da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Email: angelabaalbaki@hotmail.com

Revista Língua & Literatura, v. 35, n. 20, p. 131-149, jan./jun. 2018.
Recebido em: 10 ago. 2017
Aprovado em: 20 out. 2017

Seus primórdios perdem-se no tempo, mas supostamente sucedem a algum texto oral de divulgação de conhecimentos, crenças, conselhos e prognósticas sobre a vida, sobre a produção dos meios de subsistência. A circulação de certa discursividade sobre a vida cotidiana deve ter incluído várias formas, entre elas algum tipo de registros do movimento dos planetas no firmamento, das épocas mais fecundas para deitar as sementes ao solo, dos meses mais apropriados para a colheita, das ocasiões mais propícias para o cruzamento dos animais, para os unguentos, bálsamos e poções mais eficazes para curar os males, entre outras. Esses registros escritos são os antepassados dos almanaques, cujo propósito muito possivelmente seria fazer circular saberes e conhecimentos.

Machado de Assis, em ficção, retrata o almanaque como resultado do casamento entre o Tempo e a Esperança. O Tempo há muito amava a Esperança e queria com ela se casar, mas ela não o aceitava, e o Tempo fazia cair do céu os almanaques, sempre renovados a cada dia, com o intuito de cativá-la e fazê-la mudar de ideia. Nessa peça de ficção do escritor, os almanaques são assim uma espécie de presente que se repete a vida toda até depois que a Esperança finalmente aceita se casar com o Tempo. Está assim consagrada a eternidade dos almanaques, que, de fato, sobrevivem muito bem até hoje em seus formatos digitais e eletrônicos, parece cumprir seu papel de propagar conhecimentos e saberes.

Pode-se argumentar que os escritos dos almanaques são triviais e pouco profundos. Há ditados populares bem pejorativos a respeito do almanaque, como, por exemplo, a acusação: “isso é superficial, é cultura de almanaque”. No entanto, concebemos os almanaques produtos históricos, ou seja, estão imbricadas nas malhas de seus dias, de suas historicidades. Por tal especificidade em sua formulação, não se pode esperar conhecimentos astronômicos modernos quando tudo que se concebia sobre os céus era o conhecimento astrológico. Além disso, do ponto de vista discursivo, os almanaques não teriam as mesmas perspectivas da literatura e muito menos da ciência moderna. Nascem do embate do homem frente à natureza, em seu amplo espectro. Em seus primórdios não obedecem a um tempo linear e antecedem muito os conceitos de ciência. Tratam de um tempo circular, daquilo que acontece e volta a acontecer, como as marés, as estações do ano, os ritmos da natureza. Desenvolvem-se de forma pragmática, com a suposta função de mitigar de forma eficiente e rápida as vicissitudes que acometem as comunidades em sua lida cotidiana.

A produção de material impresso surgiu com mais vigor nos século XV e XVI na Europa, quando surgem também os almanaques na forma de material impresso. Como

característica primordial guarda sua constituição pragmática, e imaginamos que os almanaques destinavam-se a suprir de forma rápida as informações pertinentes a um dado ofício (almanaques de cozinheiros, por exemplo) ou às lacunas de informações a respeito de alguma atividade ou prática social de prestígio (almanaques literários, por exemplo). É interessante procurar entender a diferença entre um almanaque literário e uma obra literária. A primeira parece atender a uma função social, ou seja, procura mostrar peças literárias como material importante para se conhecer o meio em que se vive, e a segunda parece atender à função literária propriamente dita, não voltada para informação, mas à apreciação artística da obra em si. Esse espectro de função social, de certa forma utilitarista ou de utilidade social parece ser uma das características marcantes do material que temos em mãos para nossas análises. No entanto, o nosso material apresenta outra funcionalidade, já que especificado pelo adjunto adnominal "de farmácia". Vejamos um pouco dessas particularidades.

Dos almanaques aos almanaques de farmácia: saúde e higienização

Falar de almanaque de farmácia é, de certa forma, tematizar a questão da apropriação coletiva do conhecimento, sem que se trate de conhecimento qualquer, mas sim, do conhecimento que envolve a lida com o corpo e os cuidados com a saúde. Com esse enfoque, buscamos compreender o funcionamento de um discurso, que podemos chamar de médico-higienista, nesses almanaques de farmácia e como esse discurso foi difundido na sociedade brasileira.

Afinal, como os almanaques de farmácia começaram a circular no Brasil? Segundo Trizzotti (2008), no Brasil, com a proclamação da liberdade de imprensa, em 28 de agosto de 1821, jornais e almanaques começaram a ser publicados. Sobre os últimos diz-se que havia vários tipos. Os almanaques da cidade, de cunho administrativos, continham diversas informações como horários de trens, tabela de preços e produtos, tarifas de correio de transporte. Além desses, havia os almanaques literários que traziam textos de importantes nomes de literatos. Mas, certamente, foram os almanaques de farmácia os mais populares e mais difundidos: "o alcance e a importância dessa literatura traduz-se pela alta tiragem de exemplares gratuitos, modelo tipográfico e ampla rede de distribuição" (TRIZZOTTI, 2008, p.309). A autora ainda complementa,

> O primeiro almanaque de farmácia muito bem conhecido no Brasil foi o *Pharol da Medicina*, elaborado com o patrocínio da Drogaria Granado do Rio de Janeiro em 1887, e que foi uma espécie de modelo para os seus sucessores. O *Pharol da Medicina* possuiu uma tiragem inicial de 100 mil exemplares e de 1913 a 1923, atingiu a cifra de 200 mil exemplares. Fato esse muito significativo para a história dos almanaques, sobretudo os de farmácia. Os almanaques de maior popularidade foram: *Saúde da Mulher, Bromil, Capivarol* e o *Biotonico Fontoura.* (TRIZZOTTI, 2008, p.309)

A história do almanaque de farmácia no Brasil nos interessa, pois nos enseja a possibilidade de a tomarmos como um dos vértices de um triângulo dentro do qual a Análise do Discurso é frequentemente representada como disciplina de entremeio. Os outros vértices são a língua propriamente dita, que será trabalhada por nós em sua materialidade como um *corpus* com o qual lidaremos e a ideologia, ou seja, como se daria a forma de naturalização de certos sentidos aos quais os almanaques estariam atrelados. Para esse fim lidaremos com a materialidade linguística das práticas discursivas que procuraremos compreender.

Vale destacar que as nossas discussões abordam temáticas relativas às práticas discursivas nas primeiras décadas do século XX – época considerada por vários pesquisadores (CASA NOVA, 1996; PARK, 1999; GOMES, 2006; MAGALHÃES, 2004; MAGALHÃES e ROCHA, 2007) como o auge da publicação dos almanaques de farmácia. Optar por investir nos debates relativos ao modo de circulação do conhecimento científico na sociedade da época parece mostrar-se relevante para a constituição da tessitura de uma memória discursiva sobre saúde, cuidado com o corpo e medicalização. Convém esclarecer que, no âmbito dos estudos da Análise do Discurso, a memória é entendida como um saber discursivo que torna possível todo dizer, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de posição. Em suma, a memória discursiva é constituída tanto por lembranças como por esquecimentos. Em nossa matriz teórica, a memória do dizer, que sustenta a possibilidade de produzir sentido, trabalha a produção dos efeitos de sentidos do discurso médico-higienista em circulação na sociedade brasileira no início do século XX – por sinal, uma sociedade marcada, por um lado, pelo analfabetismo e, por outro, pelo nacionalismo e início da industrialização (PARK, 1999) – e na qual só uma pequena parcela da população tinha acesso ao conhecimento científico, a médicos e dentistas.

Alguns autores que se dedicam ao estudo dos almanaques de farmácia, afirmam que esses funcionam como um guia doméstico de saúde, "o almanaque de farmácia mais que informar sobre remédios e doenças, introduziu em termos populares uma possibilidade de

iniciação científica" (GOMES, 2006,p.1016). Já segundo Magalhães (2004), os almanaques, funcionando como um instrumento de divulgação de medicamentos, alcançaram publicação de milhões de exemplares, "atingindo todo o território nacional, através de distribuição gratuita nas farmácias" (MAGALHÃES, 2004, *s.p.*). Dentro de um "novo" ideário de país civilizado e que previa a "melhoria da raça", conforme Magalhães (2004, *s.p.*):

> A oposição entre uma pretensa transparência científica e "curandeirismo" enseja uma crítica aos considerados costumes "não civilizados", que seriam inadequados ao "progresso" almejado para o Brasil. Essa era a proposta de uma elite bastante influenciada pelas ideias positivistas, para a qual o caminho para o desenvolvimento do país e sua integração ao grupo dos países em que os homens têm "valor", estaria no emprego da ciência. Um país não mais de "jecas", mas de trabalhadores saudáveis e disciplinados.

A alusão a "um país não mais de 'jecas', mas de trabalhadores saudáveis e disciplinados" permite-nos conjecturar que era corrente no imaginário contemporâneo a construção positivista segundo a qual somente o trabalho moveria os brasileiros ao progresso, deixando para trás o mundo da ignorância. Isso só seria possível se os corpos dos homens fossem fortes e saudáveis o suficiente para ter disposição para o desempenho de suas atividades laborais na fábrica ou no campo. Para as crianças, símbolo do futuro da nação, a imagem construída era da robustez e da disciplina (ou seja, com bom desempenho escolar). Às mulheres, esposas e mães cautelosas e zelosas, caberia a execução de práticas higienistas em seu lar, ensinando e dando exemplo de novas práticas. Todos os corpos-objeto deveriam, portanto, apresentar funcionamento e cuidados próprios.

Cabe ainda considerar que os almanaques funcionariam como instrumento de promoção de leitura (verbal e não-verbal) para grande parte da população pobre analfabeta do país, promovendo "educação eugenista e sanitária" da depuração dos males que acometiam a "raça brasileira".

> Os almanaques de farmácia excederam sua função de propaganda, compondo um conjunto de materiais que divulgavam um discurso civilizador. Ao objetivo de ensinar os cuidados que garantiriam crianças saudáveis e trabalhadores preparados e disciplinados, aliam-se outras atividades que também podem ser relacionadas à educação. Mediante passatempos ou orientações às mães, os almanaques traziam ao leitor conhecimentos próximos ao universo escolar. (KUHLMANN JR. e MAGALHÃES, 2010, p.336)

Os almanaques de farmácia além de introduzir remédios também parecem formular novos padrões de comportamento, usos e costumes. Consideramos que tais padrões estão baseados em certa visão de ciência. Para Casa Nova (1996), "a ciência do almanaque é inseparável de certa forma de representação: ciência enquanto visão do progresso da humanidade, signo de atualidade e saber" (p.61). Em outros termos uma ciência positivista, que convergiria ao progresso nacional. Uma verdade que faz vender remédios "modernos", fabricados por laboratórios nacionais e internacionais. Verdades vendidas nas prateleiras: "tônicos que tudo prometiam, desde a cura da sífilis à conquista da robustez" (MAGALHÃES, 2004, *s.p.*).

No Brasil, do início os meados do século XX, podemos dizer que os almanaques de farmácia se caracterizam por serem edições anuais que, sendo produzidos por laboratórios farmacêuticos, traziam como proposta central a publicidade dos seus produtos fabricados. Cabe registrar que eram distribuídos gratuitamente em farmácias e outras casas comerciais.. Com esse tipo de textualização, passa-se a privilegiar a ideia de saúde atrelada à medicalização. Segundo Castro (2017), por exemplo, na década de 1930, os medicamentos eram os produtos mais divulgados pelas propagandas (CASTRO, 2007). Para Gomes (2006), os almanaques de farmácia popularizaram fármacos e cosméticos. Inicialmente, eram publicações restritas a antigas farmácias de manipulação; com o passar dos anos, passaram a fazer parte das ferramentas publicitárias de laboratórios nacionais e internacionais. Nesse contexto, os almanaques atuariam de forma terapêutica e preventiva contra doenças.

Devemos aqui fazer uma observação acerca da construção do nosso *corpus.* Afinal, na AD, o *corpus* é considerado instável e provisório (ORLANDI, 2003). Isso nos remete a pensar o *corpus* não como um depósito de dados prontos que podem ser observados e medidos, mas uma construção de montagens discursivas que obedecem a determinados critérios teóricos em face dos objetivos da pesquisa. Como nos lembra Orlandi (2000), nunca estamos diante de um *corpus* inaugural, pois ele resulta de uma construção do próprio analista.

Começamos com o levantamento e seleção dos materiais disponíveis, ou seja, dos almanaques de farmácia publicados nas primeiras décadas do século XX. Esse tipo de material é escasso na maior parte dos arquivos públicos. Fato que pode ser confirmado com Magalhães (2004):

> Embora editado por laboratórios, em alguns casos grandes empresas multinacionais, com ilustradores de renome e tiragem bem acima da média das obras literárias das primeiras décadas do século XX, os almanaques foram relegados à "indiferença" que atinge documentos não oficiais e "populares", a ponto de tornar a pesquisa e busca por eles uma "caçada" a sebos e coleções particulares, na maioria dos casos. (*s.p.*)

Para o presente artigo, recortamos sequências discursivas do Almanaque do Biotonico Fontoura (1941). Esse almanaque, parte de nosso *corpus* empírico, apresenta-se em publicação com 36 páginas, incluindo capas, impressa pela Comp. Melhoramentos de São Paulo, no ano de 1941. É constituído de páginas cujo título traz cada mês do ano, em caixa alta. Em cada uma dessas páginas encabeçadas pelos meses há três colunas: uma delas é intitulada A LAVOURA DO MÊS, a outra, HORÓSCOPO DO MÊS, e há uma terceira coluna que traz AS FASES DA LUA, e logo em seguida uma lista dos santos padroeiros de cada um dos dias do mês. Abaixo, em cada uma dessas páginas há uma tira que traz publicidade sobre cada um dos produtos do laboratório FONTOURA. Essas páginas marcam bem as características de um almanaque, ou seja, trazem informações sobre o cotidiano do homem do campo, que é provavelmente a grande parte de seu público alvo, católico, pois há um santo para cada dia do mês, no entanto, também adepto da leitura das prescrições dos signos do zodíaco[3].

Além dessas páginas bem características de um almanaque, há páginas com pequenos artigos sobre os mais variados assuntos: história, curiosidades sobre animais, acidentes geográficos, homens notáveis, entre outros. São trechos que supostamente acirram a curiosidade dos leitores e fornecem não só informações que a satisfaçam mas também transmitam aos leitores a impressão de que estão sendo instruídos, apresentados ao conhecimento universal do e sobre o mundo.

Como já apontamos, todas essas páginas trazem abaixo tiras publicitárias sobre os produtos do laboratório FONTOURA. Logo em seguida nos deteremos sobre os fármacos anunciados e seus nomes. Por ora gostaríamos de acrescentar que também há no almanaque uma matéria (página 9), com o seguinte título: UMA CONQUISTA DO INSTITUTO MEDICAMENTA. Há um desenho do laboratório onde foram desenvolvidas as pesquisas sobre um dos medicamentos do Laboratório Fontoura, a saber, o Maleitosan Fontoura. A

[3] Podemos fazer uma referência ao "homem zodíaco", categoria elaborada por Courtine (2013), que faz referência ao "homem" que figurava nos livros de fisiognomonia e dos tratados de anatomia produzidos no final do século XVI e na primeira metade do século XVII.

matéria é uma comunicação à Academia Nacional de Medicina. Traz referência a pesquisadores, resultados clínicos e exalta o trabalho de Cândido Fontoura, fazendo menção a sua apresentação do fármaco à Academia Nacional de Medicina. Essa comunicação é, portanto, em última análise, uma referência ao relatório científico sobre o fármaco. É um substituto do relatório científico, uma menção a o trabalho médico, um artigo que representa em segunda mão a ciência que propiciou a manipulação do medicamento. Resta-nos cogitar as razões dessa substituição. Falta de confiança de que o leitor seria capaz de compreender uma linguagem mais terminológica no campo das ciências farmacológicas? Acreditamos que sim. Pareceu suficiente afirmar que o medicamento surgiu de uma pesquisa científica avalizada pela Academia Nacional de Medicina, sem necessidade de transportar outros sentidos à pesquisa realizada.

A publicidade toma o almanaque em suas páginas 16 e 17, com duas matérias, respectivamente dirigidas aos senhores e às senhoras, em que se desenham os protótipos de homem e mulher. Ambos os sexos só teriam a ganhar com o uso de BIOTONICO FONTOURA, fortificante que exalta no homem o seu vigor e força e na mulher, a beleza e regularidade de suas funções. Mais interessante que os efeitos do BIOTONICO FONTOURA para o analista do discurso são as características de ambos os sexos. Em uma análise preliminar, pode-se dizer que o termo "fortificante" tem sentidos diferentes para os efeitos do mesmo medicamento no corpo do homem e da mulher, afastando-se do sentido mais genérico do termo, a saber: ficar forte. Tomamos essa constatação como início promissor da investigação a ser realizada.

Há que se mencionar também algumas páginas (entre elas as páginas 11, 15, 19, 20,25, 29) em que o almanaque versa sobre algumas das doenças que pretende combater, aproximando-se às vezes, outras vezes afastando-se do que se poderia descrever como divulgação científica sobre as causas e tratamentos desses males. Por exemplo, na página 19, a publicação traz uma descrição da doença conhecida como AMARELÃO, descrevendo seus sintomas, transmissão, causa e tratamento. Menciona os vermes denominados "anquilóstomos" e afirma que a doença pode ser erradicada com a destruição dos vermes. Parece-nos ser um artigo com características de divulgação científica sobre a doença. O mesmo pode-se afirmar em relação à MALEITA, descrita na página 25. De forma básica, há um trabalho de divulgação científica a respeito das causas, sintomas e tratamento da doença. Já não se pode dizer o mesmo em relação à página 20, que trata de vários sintomas que

acometem as mulheres: dores pelo corpo, dor de cabeça, indisposição, nervosismo, tonturas, desânimo, irritabilidade... Não há como garantir que tais sintomas sejam tipicamente femininos, mas assim são tratados, sem acrescentar nenhuma explicação para o quadro descrito. Nesse caso parece-nos que há um afastamento do que seja divulgação científica e uma paráfrase de velhas e surradas crenças sobre o corpo das mulheres sob ótica dos pesquisadores homens. Longe de divulgação científica também observamos o artigo na página 29, que trata da sífilis. Há ali vários índices de moralismo e associação da doença a comportamentos reprováveis, longe, portanto da divulgação científica. O corpo, tal como é textualizado nas páginas do almanaque, é um corpo doente, mas que, potencialmente, pode ser curado pelo uso dos medicamentos,

Essa foi uma descrição sucinta deste exemplar do almanaque que usaremos para alguns exemplos e ilustrações de nossas indagações e abordagem da questão. Antes da análise das sequências discursivas, porém, descrevemos abaixo alguns aspectos dos procedimentos teórico-analíticos empregados.

Nos meandros da teoria: os procedimentos analíticos

O percurso da Análise do Discurso, em face de seu objeto de estudo, passa por algumas etapas que merecem uma apresentação mais detalhada. O analista procura dentro do *corpus* empírico uma forma de abordá-lo para seu estudo. Faz uso de dois dispositivos, a saber, dispositivo teórico e dispositivo analítico.

O primeiro deles está relacionado aos fundamentos da teoria do discurso e também aos conceitos da Análise do Discurso que serão mobilizados. Nesta fundamentação teórica cabe um exercício de contextualização historiográfica da produção dos textos que constituem o *corpus* empírico. É a partir dessa contextualização que se pode procurar entender a representatividade e relação do *corpus* discursivo com outros objetos contemporâneos.

O segundo desses dispositivos, a saber, o dispositivo analítico, é construído pelo analista como forma de instrumento para prospecção de seu *corpus* empírico. Em Análise do Discurso pretende-se chegar a unidades de sentido através do processo de recortes. O resultado do processo de recortes (por exemplo, uma série de sequências discursivas que inclua a palavra “saúde”, ou a palavra “corpo”, ou ainda as palavras “homem”, “mulher”, “criança”) acaba se prestando à análise de ocorrência de cada recorte por meio da observação

de paráfrases, de processos de sinônima, lapsos gráficos, atos falhos, referências a já-ditos, entre tantas outras circunstâncias. E a partir, então, da análise dessas sequências discursivas geradas pelo dispositivo analítico e do seu constante entretecer com o dispositivo teórico é possível chegar ao discurso. Compreendê-lo e posteriormente avançar nessa compreensão do discurso dentro do campo das ideologias em curso é o processo que se desenha para o analista do discurso.

O processo discursivo, do ponto de vista da significação, apresenta três momentos inseparáveis: o da constituição, o da formulação e o da circulação. Por meio desses processos ganha espaço político entre outros discursos e trabalha via discurso de e discurso sobre as práticas que apregoa na propaganda farmacêutica. O discurso médico-higienista parece ser constituído por diferentes ordens discursivas, a saber: da medicalização, do cotidiano, da propaganda, do nacionalismo, da industrialização.

Os lugares sociais da ciência (médica, farmacológica), da propaganda, da indústria farmacêutica e do senso comum são ocupados, nesse discurso, pelo médico que indicaria os produtos, o representante do laboratório farmacêutico que produziria a propaganda e o leitor/consumidor que, em vários momentos, enviaria relatos (testemunhos) dos resultados – sempre positivos – dos produtos utilizados. No entanto, não há uma relação direta entre o lugar social e a posição discursiva. Por exemplo, o representante do laboratório pode ocupar diferentes posições: aproximação com o leitor; identificação com o cientista/médico; oposição a não-especialistas (afastando o uso de infusões, chás e mezinhas), na tentativa de desqualificar o saber popular em prol da produção científica. Dessa forma, é possível afirmar que

> A tônica dos almanaques de farmácia – como não poderia deixar de ser – é a questão técnico-científica. Tentam repassar ao leitor a ideia de sua importância como componente fundamental, diretamente envolvido na fatura dos produtos medicinais e, portanto, nos processos de cura ou na manutenção da saúde. (GOMES, 2006, p. 1016)

A partir do funcionamento da imbricação dessas ordens citadas anteriormente, depreendermos as imagens produzidas dos corpos (homens, mulheres e crianças) Observaremos, para tal, trabalho de uma memória discursiva atrelada aos nomes próprios dos medicamentos.

Nesse processo de cura do corpo-doente, em grande parte, pela asseguração do nome próprio do medicamento, o que e como significaria o corpo da mulher, do homem, e da

criança nas primeiras décadas do século XX? Ressaltamos que a história tem um sentido particular para a Análise de Discurso, pois está "ligada a práticas e não ao tempo em si. Ela se organiza tendo como parâmetro as relações de poder e de sentidos, e não com a cronologia: não é o tempo cronológico que organiza a história, mas a relação com o poder (a política)" (ORLANDI, 1990, p.35).

O corpo no imaginário dos almanaques

Há diversas teorias e diferentes perspectivas que abordam a questão do corpo, em geral, e de suas especificidades, corpo do homem, da mulher, da criança. De acordo com Del Priore (1995), na contemporaneidade, o corpo "encontra-se valorizado por noções como saúde, erotismo, sexualidade. Por ser território de catástrofes e alegrias, de gozo jubilatório e dor tristonha" (p. 21) Dessa forma, o corpo passa a ser objeto de cuidados, em muito atrelado a sentidos de beleza, juventude e felicidade. Desse tripé, podemos parafrasear uma estrutura silogística: um corpo belo é um corpo saudável; um corpo saudável é um corpo feliz; logo, ser belo é ser feliz.

No interior dessa discursividade em que impera saúde, beleza e felicidade, o corpo passa a ser tomado como um corpo-objeto construído sociohistoricamente.

> O corpo vivo e vivido, experimentado e experiente, transformou-se, assim, em objeto: um objeto capturável e unificado. Objeto cuja extensão implica, também, a sua limitação; o corpo é finito, móvel e irretocável. Mas na sua aparente identidade, imobilidade e finitude ele é processo, resultado de gestões sociais e culturais, fruto de representações e de imaginário, agente de movimentos, fragmento de desordens (DEL PRIORE, 1995, p. 22)

Contudo, além desse corpo-objeto fruto de representações, o mesmos pode ser tomado como "superfície de inscrição" (COURTINE, 2013, p. 8). Em outras palavras, o corpo não é só um fim, mas também é um meio nesse processo de representação. O autor destaca que também se altera, historicamente, o olhar sobre o corpo. Tal objeto-corpo conta com diferentes formas de visibilidade que, em última instância, estão relacionadas às várias coerções exercidas sobre ele, principalmente, às tarefas disciplinares. Retomando a perspectiva foucaultiana, Courtine (2013) exemplifica algumas dessas tarefas às quais o corpo deve ser submetido: instituições curativas, educativas e reeducativas. Observamos que os almanaques de farmácia também podem funcionar como um elemento de coerção de tarefa

disciplinar que prescreve normas/regras de conduta corporal (o corpo da mulher saudável, por exemplo).

Não se trata de tomarmos o corpo em sua condição empírica – a carne que sangra, que sente —, mas atrelá-lo à materialidade do sujeito (ORLANDI, 2012), em que inconsciente e ideologia comparecem produzindo efeitos de evidência da existência (saudável ou não) do corpo-carne. Retomando a referida autora: "Enquanto o corpo empírico, ele é apenas carne [...] enquanto o corpo simbólico, corpo de um sujeito, ele é produzido em um processo que é um processo de significação, onde trabalha a ideologia, cuja materialidade específica é o discurso" (ORLANDI, 2012, p. 85). Pensar o corpo discursivamente é capturá-lo pela discursividade que o constitui. Nesse sentido, os corpos são "atravessados de discursividade, efeitos de sentidos constituídos pelo confronto do simbólico com o político em um processo de memória que tem sua forma e funciona ideologicamente" (ORLANDI, 2012, p. 92).

Nosso recorte metodológico foi operado observando o nome dos medicamentos indicados no almanaque. O nome próprio, por trazer certa confiabilidade, indica contornos de legitimação e valoração do dizer. Cabe lembrar que sobre o nome próprio, Foucault (1982) destaca que seu principal efeito é "manifestar a instauração de certo conjunto de discursos e referir-se ao estatuto desses discursos no interior de uma sociedade e de uma cultura" (FOUCAULT, 1982, p.46). Nesse sentido, procuramos recortar os nomes dos medicamentos anunciados no Almanaque Biotonico (1941). São eles: Fontol, Biotonico Fontoura, Regulador Fontoura, Lacto-purga Fontoura, Ankilostomina Fontoura, Maleitosan Fontoura, Xarope de Limão Bravo, Elixir Bororo, Vermífugo Fontoura.

Na ordem em que aparecem na publicação, temos o FONTOL, citado logo na capa do almanaque. É um fármaco cuja denominação invoca sentidos próximos a FONTE, ORIGEM, no caso em questão, fonte de vida, fonte de soluções para uma série de sintomas, com a vantagem de não atacar o coração. Aliada ao texto há uma ilustração que representa uma pessoa abatida pelos sintomas e mal-estar causados pela gripe. De acordo com o texto, essa pessoa não pode perder tempo; uma vez que FONTOL garantiria assim a continuidade das suas atividades sem perda de tempo e consequentes prejuízos. Uma ilação surge dessas condições de produção desse enunciado: diz respeito ao enunciado subjacente "tempo é dinheiro", ícone do capitalismo, com mais força ainda em um país que tinha como meta a industrialização.

Em seguida, outra designação é o BIOTONICO FONTOURA, também na capa da publicação. Biotonico, ou seja, tônico da vida, é uma alusão ao bem maior cuidado pelos remédios: a vida. No entanto, não há na publicação nenhuma explicação mais detalhada da composição deste medicamento. É um fortificante, mas não fica claro se é constituído por compostos naturais ou por substâncias químicas obtidas em laboratório. Talvez a ambiguidade da composição do produto seja um fator de pouca importância ou ainda o sentido de BIO da denominação sirva para não trazer à tona sua composição química.

O terceiro produto é denominado REGULADOR FONTOURA, e aparece na página 2. O regulador é um agente de regulação de algo desregulado e o termo se abre em múltiplos sentidos: governador, aquele que governa, domina ou comanda algo que supõe fora de seu controle. Será rebelde assim o corpo de mulher? Que regras são essas? De que formas pode reverberar o enunciado que escolhe REGULADOR para além do discurso sobre medicamentos?

Na mesma página 2, há a ocorrência da denominação LACTO-PURGA FONTOURA. Mais uma vez há o desdobramento de um sentido evocado por LACTO, ou leite, sem que haja esclarecimento sobre a composição do remédio. Seria o resultado de formulação de compostos encontrados no leite ou seria o leite a substância em que se dissolvem os elementos ativos do medicamento, emprestando-lhe o sabor de leite? De toda forma, não associar um sentido a LACTO parece criar um efeito de evidência (todo mundo saberia o que significa LACTO), dando ênfase, sobretudo, ao se concentrar em PURGA.

As próximas denominações são ANKILOSTOMINA FONTOURA (p. 3) e MALEITOSAN FONTOURA (p. 6). O primeiro deles é uma referência ao verme que causa a doença, o anquilóstomos, talvez em uma tentativa de popularizar a denominação do verme. A referência a MALEITOSAN, por sua vez, remete à maleita, etimologicamente herdeira de "maledicta", febre maldita, sinônima de malária (male+aria), Nesse caso, a denominação do remédio parece ter escolhido o nome da doença e não sua causa.

O XAROPE DE LIMÃO BRAVO (p. 10) tem sua denominação inspirada em "limão bravo", uma fruta silvestre usada para infusões medicinais em remédios populares. Não se pode avaliar até que ponto este medicamento tem agente químico bem definido farmacologicamente que se aproveita de uma denominação popular ou se é o próprio remédio natural industrializado.

O Elixir Bororo é anunciado na página 29, com uma alusão aos índios Bororo. Como não há descrição da composição do elixir, pode-se atribuir a denominação de inspiração indígena à popularidade do remédio que parece assim remontar aos costumes e medicamentos dos índios, emprestando-lhe certa sabedoria ancestral.

Por fim surge a referência a LOMBRIGECES (p. 31), referindo-se ao VERMÍFUGO FONTOURA, em que busca fazer referência a "lombrigas" também representadas na ilustração gráfica que acompanha o anúncio. Vale a pena ressaltar que a enunciação de "lombrigeces" se confunde um pouco com "lombrigueces" e faz lembrar o sintagma "lombriga de vocês". Os leitores do almanaque seriam construídos discursivamente como aqueles que têm seus corpos-objetos habitados por lombrigas?

Em muitos dos medicamentos consta o nome do farmacêutico que o criou: FONTOURA, que por sua fez parece conter em si uma alusão publicitariamente ao termo FONTE.

Os enunciados produzidos a partir desses nomes constroem tanto os sintomas doentios do corpo da mulher, do homem (da cidade e do campo) e da criança quanto à cura esperada pelo uso do mesmo. Desses enunciados, apresentamos e analisamos três sequências discursivas recortadas. Vejamos a seguir a análise dessas sequências:

> SD1: "Moças e senhoras devem fazer periodicamente uso do **REGULADOR FONTOURA** Que *corrige todas as perturbações do organismo feminino*." [...]" (Almanaque Biotonico, 1941, p. 2).

Na SD, o discurso sobre o corpo da mulher é sustentado por um pré-construído[4] - traços apagados de um "outro discurso", não-ditos mas inscritos no interior do discurso que se sustenta. Em outros termos, o pré-construído "remete àquilo que todo mundo sabe" (PÊCHEUX, 1988, p. 171). A estrutura sintática "*Que corrige todas as perturbações do organismo feminino*" faz emergir uma asserção, um construto social prévio e independente. Assim, o enunciado que afirma o uso periódico de um medicamento participa do interdiscurso ligado por uma formação discursiva que naturaliza o corpo da mulher como aquele que, por sua condição, precisa de regulação periódica. Essa linearização da necessidade de regularização de um corpo feminino com "perturbações" é atravessada perpendicularmente

[4] O pré-construído é algo que fala sempre antes, em outro lugar e independentemente, determinado materialmente no interdiscurso. Em outros termos, o pré-construído é um elemento do interdiscurso reinscrito no (intra)discurso e caracteriza -se, pois, por ser proveniente da exterioridade, proveniência esta que é esquecida (PÊCHEUX, 1988).

por outro não-identificável, retirados de discursos mais estabilizados, que o sustenta. Há uma memória que se faz significar um corpo "naturalmente" desregulado, desestabilizado pelo corpo-carne que sangra periodicamente. A imagem discursiva do corpo da mulher – o corpo inscrição de uma memória – mostra-nos que há afeitos de sentidos que ressoam sua pretensa condição de corpo-objeto inferior, indefeso, delicado e perturbado.

Na SD2, podemos observar outro funcionamento discursivo:

> SD2: Com **BIOTONICO FONTOURA**, a saúde da mãe transmite-se ao *filhinho*, e êste entra na vida como o maior de todos os bens [...]" (Almanaque Biotonico, 1941, p. 11).

A questão da hereditariedade, "o maior de todos os bens", é posta como a própria transformação da saúde do filhinho em um bem, em um item de patrimônio. Seria, portento, o maior bem dos pais legado aos filhos: a saúde – uma excelente herança biológica que estaria na base do progresso do país. Dentro de um imaginário eugênico, todo e qualquer desvio deveria der corrigido – uma intervenção tanto no corpo da mulher quanto da criança [ou uma intervenção "justificada" no corpo da mulher para passar para o filho?], só que com o auxílio de por um medicamento: BIOTONICO FONTOURA. O nome Fontoura por si só garantiria a qualidade do produto e serviria como uma forma de evitar uma hereditariedade provavelmente degenerada da mulher.

Por um lado, a naturalização da degenerescência da saúde da mulher (sempre responsabilizada pela saúde de sua família) e, por outro, a determinação hereditária de saúde condicionada a um fármaco fazem funcionar um discurso dos princípios regeneradores capazes de solucionar todas as mazelas do corpo e impedir que as mesmas sejam passadas para os filhos. No caso, com a proteção da prole antes mesmo de sua existência material. Tudo parece indicar que se trata de um mecanismo de poder aparelhado pelas poucas e iniciais mudanças ocasionadas da industrialização de fármacos.

Como lembra Lobo (2008), o Brasil vintecentista assiste a algo que era próprio das instituições médicas – como o julgamento das uniões e procriações – ir se imiscuindo na vida da população, sobretudo, urbana. Como ressalta autora, um familiarismo que se produziam por práticas higienistas e eugênicas (LOBO, 2008). Podemos acrescentar, contudo, que essas práticas também estariam arroladas às práticas médicos-farmacêuticas. Afinal, o BIOTONICO FONTOURA, nas colunas do almanaque, poderia influir sobre a constituição inata, corrigindo-a de forma salutar.

Na SD 3, observamos na relação entre o dito e não-dito a construção da oposição entre homem da cidade e homem do campo. Podemos depreender "marcas produzidas pela inserção do sujeito com sua materialidade em outro espaço de significação: o urbano e o rural" (ORLANDI, 2012, p. 86). O homem do campo, com suas mazelas e vicissitudes, é convocado a comparecer:

> SD3: "UM ALICERCE EM PERIGO! A lavoura á a base da propriedade e da riqueza de todos os povos. Ela é que fornece a alimentação e o vestuário para todos os homens. Entretanto, em vários países, entre os quais o nosso, os homens que dedicam a sua atividade á lavoura viviam até há pouco sob a constante ameaça de um terrível flagelo: o Amarelão ou Opilação, inutilizava milhares e milhares de pessoas, roubando-lhes as energias, deprimindo-lhes o caráter, tornando-as desanimadas e expostas a todas outras infecções. Por muito tempo se procurou um remédio seguro, de fácil uso e de efeito rápido e infalível, que destruísse e expelisse o Anquilôstomo, o verme intestinal que produz aquela doença. Hoje esse remédio existe, graças aos estudos e experiências de vários anos, do Instituto Medicamenta. Médicos ilustres e autoridades sanitárias reconhecem e atestam as qualidades e a eficácia do remédio que é a melhor arma para o combate áquela doença: a **ANKILOSTOMINA FONTOURA."** (Almanaque Biotonico, 1941, p. 4).

O homem do campo, humilde, sem instrução, desprovido de qualificação é construído como um sujeito desacreditado, pois seu conhecimento está embasado em histórias populares, medos e crendices. É o Jeca Tatu criado por Monteiro Lobato para ser inserido nas páginas do BIOTONICO FONTOURA, imagem que é (re)produzida em várias edições anuais do almanaque.

Na sequência, constrói-se a defesa da higiene como forma de livrar o país das pragas que tornam o povo improdutivo. Um projeto de formação da nação brasileira, seja pelo aceleramento da modernização urbana – influenciada pelo desenvolvimento cultural e industrial americano e europeu, seja pelas campanhas sanitárias de cunho eugênico – que visavam o aprimoramento do povo brasileiro pela higiene. O corpo-objeto do agricultor, também doente, precisaria com urgência ser curado e transformado em um corpo saudável, pronto para o trabalho em país ainda eminentemente agrícola que vislumbrava a industrialização.

Em nossas análises, observamos os efeitos de sentidos produzidos pela intensa difusão de cuidados gerais da família, sempre atrelados à supervisão da mulher; em geral, designada como mãe e/ou esposa. Sabemos que as designações inscrevem-se em diferentes materialidades e produzem efeitos de sentidos distintos em diferentes temporalidades. Sabemos também que

> o corpo não escapa à determinação histórica, nem à interpelação ideológica do sujeito. O corpo não é infenso à ideologia. [...] Ele funciona estruturado pelos modos de produção da vida material que condicionam o conjunto dos processos da vida social e política (ORLANDI, 2012, p. 95).

Com o processo de industrialização, as novas relações de trabalho, determinavam que mulheres e homens deveriam ser sadios e obter uma prole também sadia, garantindo, assim, um futuro promissor para uma nação higienizada. E parece que a memória discursiva construída por meio dos nomes próprio dos medicamentos não estaria fora dessa garantia de nação sadia rumo ao progresso.

Considerações finais

Procuramos desenvolver uma breve contextualização histórica dos almanaques e também buscar traços característicos desse tipo de publicação. São publicações caracterizadas principalmente por trazer as marcas dos dias, dos meses, das estações do ano, das marés, das fases da lua e de muitos fenômenos periódicos que se sucedem em seu tempo próprio e cíclico. Se por um lado algumas dessas caracterizações dos almanaques podem ser consideradas seculares, não se pode negar que são publicações marcadas pela historicidade das épocas em que são produzidas e veiculadas.

Nosso objeto de análise foi um almanaque publicado no início da década de 1940 no Brasil. Interessou-nos a questão da divulgação científica dentro do campo de medicina ou mais especificamente, dentro do que se divulgava como o tratamento ou o cuidado com as questões do corpo e dos fármacos empregados para a promoção da saúde. Fizemos uma análise, entre várias possíveis, mas compreendemos que o desenvolvimento da pesquisa propiciará resultados relevantes sobre a situação da saúde pública no Brasil na década de 1940, sobre as crenças e valores relacionados ao corpo do homem, da mulher, da criança; do campo mais do que da zona urbana, para quem o almanaque parece ter sido prioritariamente produzido e divulgado.

Compreendemos que as discursividades que caracterizam o aparato mercadológico dos fármacos estão inseridas em um ideário higienista atrelado à construção de um corpo belo, saudável e feliz para construir e manter uma família, para trabalhar em prol do desenvolvimento da nação. Tomamos, portanto, o almanaque como um difusor de um discurso médico-higienista. A valorização da saúde funciona no interior de certa

representação da norma médico-farmacêutica para controle desses corpos. De fato, uma intervenção normatizadora sobre os corpos de crianças, mulheres e homens.

ABSTRACT: The article is devoted to the study of the discursive functioning of pharmacy almanacs published in the 1940s. That period is marked by the beginning of the industrialization process of various products in Brazil, among which are the medicines. Besides disseminating laboratories' pharmaceutical products, those almanacs convey ideals of health, happiness, strength and beauty linked to the medications. The interest in analyzing this material has raised an issue: how are the bodies of man, woman and child represented in discourses in the almanacs? Based on the theoretical background of Discourse Analysis, this paper intends to ascertain how a certain vision of useful science — developed according to strong positivist orientation —, circulates in the 20th century almanacs and builds a certain discursive image of (man's, woman's and child's) bodies. It also seeks to identify the relationships between the dissemination of medicines and a nationalist ideological establishment that proclaimed the progress of the nation.

Keywords: Almanacs. Health. Medicines. Body.

Referências

CASA NOVA, Vera Lúcia C. **Lições de almanaque:** um estudo semiótico. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1996.

CASTRO, M. H. S.. Caminhos cruzados entre a propaganda e a saúde em 1930. **Revista Fronteira**, São Leopoldo,v. 8, p. 203-211, 2007. Disponível em: http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/6135 Acesso: 15 mar 2016.

COURTINE, Jean-. **Decifrar o corpo:** pensar com Foucault. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

DEL PRIORE, Mary**.** Dossiê: a história do corpo. **Anais do Museu Paulista***:* história e cultura material. São Paulo, Universidade de São Paulo, vol.3 jan./dez., p. 9- 27, 1995,

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** 2. ed. Passagens: Lisboa, 1982.

GOMES, Mario Luiz. Vendendo saúde! Revisitando os antigos almanaques de farmácia. **História, Ciências, Saúde** – Manguinhos, Rio de Janeiro, v13, n.4, p.1007-10018, out- dez. 2006.

KUHLMANN JR., MAGALHÃES, M. G. S. A infância nos almanaques: nacionalismo, saúde e educação (Brasil 1920-1940). **Educação em Revista** (UFMG. Impresso), v. 26, p. 327-349, 2010.

LOBO, Lilia Ferreira. **Os infames da história:** pobres, escravos e deficientes no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 2008.

MAGALHÃES, M. das Graças Sâudi. A infância nos Almanaques de Farmácia. ***III Congresso Brasileiro de História da Eeducação,*** 2004, Curitiba. Anais do III Congresso Brasileiro de História da Educação. Curitiba: PUC-PR e SBHE, 2004. p. 181-182.

_____.;ROCHA, H. H. P. Leituras úteis sobre a infância. Almanaques de farmácia e guias maternos brasileiros (1920 a 1950). **16º Congresso de Leitura do Brasil, III Seminário Leitura, Escola, História, 2007,** Campinas - SP. 16º Congresso de Leitura do Brasil, III Seminário Leitura, Escola, História, 2007.

ORLANDI, Eni. **Terra à vista!** Discurso do confronto: velho e o novo mundo. São Paulo: Cortez; Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

_____. **Análise de Discurso:** princípios e procedimentos. 2. ed. Campinas: Pontes, 2000.

_____. A leitura proposta e os leitores possíveis. In: __ (org.). **A leitura e os leitores.** 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2003, p.7-24.

_____. Processos de significação, corpo e sujeito. In: _____. **Discurso em análise:** sujeito, sentido e ideologia. 2ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

PARK, Margareth Brandini. **Histórias e leituras de almanaques no Brasil.** Campinas, SP: Mercado de letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 1999.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas. Editora da Unicamp, 1988.

TRIZOTTI, Patrícia Trindade. Almanaques: história, contribuições e esquecimento. **Dialogus**, Ribeirão Preto, v.4, n.1, p. 307-314, 2008.